



COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.18, n.1, p.134-153, jan.-jun. 2023

Interdiscursividade além das fronteiras: a categoria “mulher brasileira” na mídia lusitana

Interdiscursividad más allá de las fronteras: la categoría “mulher brasileira” en los medios portugueses

Interdiscursivity beyond borders: the category “mulher brasileira” in the Portuguese media

Jessica de Cássia ROSSI

Doutora em Ciências Sociais e Docente do
Centro Universitário do Sagrado Coração - Bauru/SP.
E-mail: jessicacrossi@yahoo.com.br

Enviado em: 13 dez.2023

Aceito em: 22 dez. 2023

RESUMO

A expressiva quantidade de mulheres brasileiras que vivem em Portugal atualmente tem sido bastante questionada entre a população local e pela mídia portuguesa, associando-as à disponibilidade sexual. Um estereótipo presente no imaginário dos portugueses que foi se construindo ao longo da relação colonial pretérita entre Portugal e Brasil e que é reforçado por veículos de comunicação lusitanos, os quais tem papel significativo na projeção de estereótipos e na imagem de um país. Assim, é relevante entender que os discursos midiáticos podem ter um impacto significativo a construção das representações acerca das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal. Por isso, o objetivo desse artigo foi compreender como se desenvolveu a interdiscursividade sobre as brasileiras imigrantes em Portugal em veículos de comunicação social portugueses. A partir da locução “mulher brasileira” se analisou a relação entre discursos em diálogo com os estudos feministas e pós-coloniais. Os resultados mostram que algumas mídias portuguesas tendem a reproduzir visões colonialistas e sexistas relativas às experiências destas mulheres.

Palavras-chave: Discurso; Estudos Feministas e Pós-Coloniais; Mídia; Mulher Brasileira; Portugal;

RESUMEN

El importante número de mujeres brasileñas que viven actualmente en Portugal ha sido ampliamente cuestionado entre la población local y por los medios portugueses, asociándolos con la disponibilidad sexual. Un estereotipo presente en el imaginario de los portugueses que se construyó a lo largo de la pasada relación colonial entre Portugal y Brasil y que se ve reforzado por los medios de comunicación portugueses, que desempeñan un papel importante en la proyección de los estereotipos y la imagen de un país. Por lo tanto, es importante comprender que los discursos de los medios pueden tener un impacto significativo en la construcción de representaciones sobre las mujeres inmigrantes brasileñas en Portugal. Por lo tanto, el objetivo de este artículo fue comprender cómo se desarrolló la interdiscursividad sobre las mujeres inmigrantes brasileñas en Portugal en los medios de comunicación portugueses. Utilizando la frase “mujer brasileña”, se analizó la relación entre discursos en diálogo con los estudios feministas y poscoloniales. Los resultados muestran que algunos medios portugueses tienden a reproducir visiones colonialistas y sexistas sobre las experiencias de estas mujeres.

Palabras-clave: *Discurso; Estudios Feministas y Poscoloniales; Medios de Comunicación; Mujer brasileña; Portugal.*

ABSTRACT

The significant number of Brazilian women currently living in Portugal has been widely questioned among the local population and by the Portuguese media, associating them with sexual availability. A stereotype present in the imagination of the Portuguese that was built throughout the past colonial relationship between Portugal and Brazil and is reinforced by Portuguese media outlets, which play a significant role in projecting stereotypes and the image of a country. Therefore, it is important to understand that media discourses can have a significant impact on the construction of representations about Brazilian immigrant women in Portugal. Therefore, the objective of this article was to understand how interdiscursivity about Brazilian immigrant women in Portugal developed in Portuguese media outlets. Using the phrase “Brazilian woman”, the relationship between discourses in dialogue with feminist and post-colonial studies was analyzed. The results show that some Portuguese media tend to reproduce colonialist and sexist views regarding the experiences of these women.

Keywords: Brazilian woman; Discourse; Feminist and Postcolonial Studies; Media; Portugal.

Introdução

Os estudos sobre migração, tradicionalmente, invisibilizaram as mulheres como agentes importantes e presentes nesses fluxos e deslocamentos. “Pensavam o migrante enquanto homem” (Padilha apud Gomes, 2013, p. 867). Há pelo menos duas décadas, no campo das Ciências Sociais, as pesquisas sobre imigração têm dialogado com os Estudos de Gênero, o que fez emergir

[...] temas como: a forma como as relações de gênero afeta de forma diferente mulheres e homens migrantes, mudanças nos papéis e nas subjetivações de gênero no contexto migratório, emancipação da mulher migrante, imigração LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros), o racismo e o sexismo interseccionados no contexto da migração, entre outros. (Gomes, 2013, p. 867)

Somaram-se a essas contribuições, perspectivas pós-coloniais, com as quais foram discutidas nesse artigo.

Alguns veículos da comunicação social portuguesa vêm desenvolvendo sentidos sobre a noção de “mulher brasileira” entre os portugueses como uma espécie de “Outro” da nação. “O status do ‘Outro’ emerge dos entrecruzamentos das relações de gênero e sexualidade, classe e raça, inscritos no colonialismo e nas divisões mundiais das quais o mundo moderno nasce” (Adelman, 2005, p. 31-32).

O mundo moderno, argumenta Ramón Grosfoguel (2008) dá luz à Europa ao mesmo tempo em que pari as Américas. Ambas as regiões se constituem simultaneamente, compondo a complexa teia do sistema-mundo capitalista. Formam-se, assim, múltiplas e complexas hierarquias globais, entre as quais raça passa a ser um operador central de organização/divisão mundial do trabalho, bem como de significação cultural. Não menos importante, ainda que pouco discutido, gênero também se apresenta como marcador importante nesse cenário de conformação das relações entre o Norte e o Sul Global.

O silêncio da história das mulheres e sobre as mulheres ofereceu abordagens que tenderam a negligenciar a atuação delas não só como agentes importantes dos processos coloniais, mas também suas narrativas sobre essas experiências não raro foram silenciadas. Esses silêncios se fazem ouvir até o presente, quando

O fluxo intenso de pessoas, bens materiais e “discursos” ao redor do globo que está no centro do cenário atual é produto de forças históricas–sociais,

econômicas – que não deixam de reproduzir antigas desigualdades entre povos e regiões do mundo. (Adelman, 2005, p. 32).

Assim, a mídia portuguesa tende a reproduzir essas “antigas desigualdades” quando, ao pautarem matéria cuja locução “mulher brasileira” aparece, sublinham determinadas experiências em detrimento de outras. Deste modo, colaboram para a associação das imigrantes brasileiras à violência, à criminalidade, à prostituição relacionando esta atividade às práticas moralmente condenáveis ou pelo viés vitimizador.

Como critica Miriam Adelman, essa percepção veio se constituindo até dentro dos estudos feministas da segunda onda, aqueles que ganharam força teórica nos anos de 1970 e 1980 em países de capitalismo avançado. Há poucos enunciados midiáticos que articulam as vivências dessas mulheres a outras atividades comportamentos, que as associe à cultura, à política, à economia, aos esportes, ou a desejos de ampliar seus horizontes imaginativos.

Desse modo, o objetivo desse artigo foi compreender como se desenvolveu a interdiscursividade sobre as brasileiras imigrantes em Portugal em veículos de comunicação social portugueses. Para tanto, se utilizou os aportes conceituais provenientes do campo dos *Estudos Pós-Coloniais*, além de contribuições dos *Estudos Feministas* com a articulação de marcadores como gênero, raça, nacionalidade, sexualidade, classe etc.

1. A (des)essencialização da noção de “mulher brasileira”

A presença de mulheres brasileiras imigrantes tem sido muito questionada nos últimos anos em Portugal; esse segmento tem sido associado, por vezes, à “disponibilidade sexual”. (Piscitelli, 2008; Beleli, 2010). Gomes (2013) salienta que a relação colonial pretérita que liga Portugal e Brasil ajuda a fixar, no imaginário lusitano, estereótipos racializados e generificados relativos às brasileiras.

Por isso, para enxergar a experiência desse segmento em Portugal, é preciso considerar essas mulheres como sujeitos múltiplos, cujas vivências são afetadas pelas articulações de marcadores de diferenciação. (Piscitelli, 2008). De forma que as situações que envolvem essas mulheres são igualmente múltiplas, e o sentido dado às essas vivências por algumas mídias portuguesas precisam ser compreendidas a partir de um olhar mais abrangente da noção de gênero, associado a outras categorias. É preciso (des)cristalizar noções que associam às brasileiras a categorias homogeneizantes como “mulher do terceiro mundo”.

É necessário enxergar além do gênero, pois ele não se constitui de modo coerente e concreto nos diferentes contextos históricos, ele é um conceito fluído, implicado em relações de poder (Butler, 2003). Daí a importância de situar as discussões sobre a capacidade heurística deste conceito, quando se trata de pensar “mulheres” vivendo em cenários globais ainda marcados por heranças coloniais.

Um passo importante nesse sentido é problematizar a própria categoria “mulher”. As reflexões de Linda Nicholson (1988) propõem uma nova formulação ao conceito “mulher”, que “[...] atenta à historicidade, não tem um sentido definido” (Piscitelli, 2002, p.20). Este não pode ser identificado por meio de uma noção somente, mas sim por meio da elaboração de “[...] uma complexa rede de características que não podem ser pressupostas, mas descobertas”. (Piscitelli, 2002, p.20). Entre essas características, haveria algumas que exerceriam uma posição hegemônica nessa rede em diferentes situações, mas elas não podem ser generalizadas. Por isso, a proposta seria não “pensar em ‘mulheres como tais’, mas em ‘mulheres em contextos específicos’ [...]”. (Piscitelli, 2002, p.20-21). A ideia é recusar o que a autora chama de “fundacionalismo biológico”, ou seja, aquele “permite que os dados da biologia coexistam com os aspectos de personalidade e comportamento” (Nicholson, 2000, p. 11). Justificando, assim, a ancoragem das diferenças e desigualdades em uma biologia que unificaria as experiências femininas.

Alargar o potencial da categoria mulher é um “[...] esforço de compatibilizar as críticas ao essencialismo em suas diversas formas – humanismo, universalismo, racionalismo –, com a formulação de um projeto político feminista, mostrando como essa compatibilização não é incongruente”. (Nicholson, 2000, p.21).

A hipersexualização das brasileiras em Portugal e a associação delas com sexualidades desregradadas, moralmente suspeitas e associadas a prostituição. Esta associação não é infundada, ainda que tratada de forma generalista. O debate internacional que inclui o Brasil no mapa do “turismo sexual” bem como fornecedor de “mão de obra” para o mercado transnacional do sexo, vem se intensificando desde a década de 1990.

Nessa (des)construção enunciativa, mais do que enxergar o estigma da brasileira como prostituta, verifica-se o estigma que está relacionado à prostituição (Gomes, 2013, p.879). Isso porque esta última está relacionada às construções discursivas que associam algumas mulheres ao corpo disponível. Ou corpos em busca de segurança nos braços de homens lusitanos.

Embora trabalhadoras do sexo não sejam sinônimos de “mulheres disponíveis”, mas sim como prestadoras de serviços sexuais e que, para acender a seus corpos, é preciso não apenas pagar por isso, mas ser aceito como cliente.

Na realidade, a figura da prostituta, está relacionada com a:

[...] a colonialidade, ao sexismo, e ao racismo, cria papéis e imaginários para as mulheres, sendo as brasileiras consideradas as pecadoras, Evas, prostitutas, inferiores, hipersexualizadas. O problema está, portanto, no estigma de “corpo colonial”, corpo disponível, que atinge todas as brasileiras. (Gomes, 2013, p.880).

Essa ideia de “corpo colonial” influencia as experiências de muitas mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, independentemente de suas diferenças práticas no país. Tal noção informa também seus possíveis contratantes no mercado de trabalho. No qual elas ocupam vagas tradicionalmente relacionadas às mulheres como o trabalho reprodutivo e de cuidado. Porém, nas sociedades metropolitanas essas funções carregam mais que marcas de gênero, se inserem na divisão internacional do trabalho subalterno.

Trata-se de uma situação em que sofrem segregação sexual e étnico racial e, dessa forma, sua inserção no setor de serviços é precária (França, 2010). Devido a essa suposta disponibilidade sexual que a noção de “corpo colonial” influencia em diferentes situações cotidianas as experiências de brasileiras em Portugal, elas são as principais vítimas dos estereótipos ligados ao estereótipo da prostituição.

[...] as mulheres brasileiras parecem ter-se tornado as principais vítimas dos estereótipos da sociedade portuguesa, que tende a exotizar a imagem do(a) brasileiro(a), sendo frequentemente vistas como exóticas e fáceis, quando não, associadas a prostituição. (Malheiros, 2007, p.35).

Esse discurso incomoda também brasileiras que poderiam se aproveitar da noção de “disponibilidade sexual” porque acreditam que ela provoca situações de violência e discriminação. Este elemento “[...] carrega uma dimensão de colonialidade [...] mesmo aquelas brasileiras que supostamente aproveitar-se-iam do estereótipo, criticam-no – sentem que seu trabalho é desvalorizado e rejeitado enquanto produto cultural e entendido apenas como objeto sexual”. (Gomes, 2013, p.880).

Como os trechos de ambos os veículos de comunicação a seguir que relacionam as mulheres brasileiras à prostituição, tomando a atividade como problemática em si. O

primeiro trecho aborda o fechamento de três moradias que estariam sendo usadas para a prática da prostituição por brasileiras na cidade do Porto. E mostra, ainda, que algumas delas foram presas, outras somente identificadas e duas foram expulsas do país por estarem em situação irregular.

No trecho extraído de matéria publicada em 2007 no Jornal Nacional (JN), a relação entre ilegalidade e a interrupção do projeto migratório fica claro.

Três moradias da cidade do Porto que seriam usadas para a prática de prostituição foram "fechadas" na sequência de uma operação de PSP. Seis mulheres de nacionalidade brasileira foram detidas e outras sete identificadas. Duas das detidas receberam ordem imediata de expulsão do nosso país. (Jornal de Notícias, 2007, p.1) – Seção *Polícia e Tribunais*, do JN de 23/03/2007.

Por esse trecho, verifica-se que o JN relaciona a prática da prostituição de brasileiras às situações ilegalidade e precariedade. Essas mulheres abordadas no trecho da notícia, além de se submeterem as regras tidas como “exploradoras”¹ do mercado do sexo, por vezes, precisam se submeterem também à insegurança que a ilegalidade lhes proporciona. Raramente, a ilegalidade é percebida como fator que potencializa situações de violência, uma vez que migrantes ilegais evitam se expor às autoridades por temer deportação.

A prostituição tem sido associada à imigração na Europa desde o início deste século. (Augustín, 2007). Essas percepções não passam despercebidas aos jornais, como se lê na reportagem do veículo *Público*

O distrito de Lisboa concentra maior diversidade [de mulheres de outras nacionalidades que se prostituem em Portugal] - por ser capital, por acolher mais imigrantes. Ao contrário da Guarda e de Aveiro, em Lisboa "a prostituição de rua tem uma visibilidade significativa no próprio centro da cidade". Aqui as brasileiras também dominam [...]. (*Público*, 2007, p.1) – Seção *Portugal*, do *Público* de 10/10/2007.

Esse imaginário reflete-se nas ocupações profissionais que as mulheres brasileiras imigrantes exercem em Portugal, como ressaltada na citação acima, ligadas ao sexo e vagas de trabalhos desqualificados.

¹ Piscitelli (2008) mostra que essa noção de exploração é complicada, posto que muitas mulheres prostitutas não veem como exploração o fato de se prostituírem, mas a quebra de pactos, os preços superestimados dos serviços que elas precisam comprar e utilizar.

[...] Esse imaginário reforça a associação constante das imigrantes brasileiras às atividades no mercado do sexo, tráfico de seres humanos e prostituição. Além disso, tem um papel relevante no processo de inserção e exclusão social dessas mulheres na sociedade portuguesa, acompanhando toda a sua trajetória migratória no país. [...] Ofertas de trabalho majoritariamente em postos de trabalho precário, baixos níveis de salário, horários da jornada de trabalho exaustivos, impossibilidade de alugar casas, piadas ofensivas, maus tratos em repartições públicas e privadas, assédio, isolamento social, ausência de participação política, falta de socialização, desconhecimento dos direitos são algumas situações vivenciadas por essas mulheres [...] (França, 2012, p.90).

Nem todas as brasileiras que vão para Portugal estão lá por sua suposta “disponibilidade sexual” ou para se prostituírem. Entretanto, a experiência das mulheres brasileiras imigrantes nos mostra que no imaginário dos países do Sul da Europa, entre eles Portugal, a nacionalidade brasileira está associada à indústria do sexo.

[...] A ideia que elas [mulheres brasileiras imigrantes] são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e maternidade tende a atingir indiscriminadamente essas migrantes. (Piscitelli, 2008, p.269).

Trata-se de discursos que exotizam os povos “não-ocidentais”, ou seja, que orientalizam as mulheres brasileiras (Said, 1990) e não consideram em sua complexidade.

2. A mídia portuguesa e seus discursos sob a perspectiva (pós) colonial

A mídia tem uma participação muito significativa que pode “reforçar estereótipos e distorcer a imagem de um país no exterior”. (Vitorio, 2015, p.19). Há algumas décadas, veículos midiáticos vêm colaborando com a construção do estereótipo das mulheres brasileiras imigrantes relacionada à disponibilidade sexual. “No mundo globalizado, a construção da imagem do Outro decorre, muitas vezes, da maneira como a mídia relata e edita acontecimentos, promovendo interpretações capazes de criar ou reiterar estereótipos”. (Vitorio, 2015, p.44). Dessa forma, é importante compreender que os discursos midiáticos têm uma influência muito significativa na construção das representações.

Tal influência conheceu um ponto de inflexão em 1977, em que alguns canais de televisão portugueses compram novelas brasileiras, principalmente da “Rede Globo”, para

exibir em sua grade de programação. Esses produtos trazem em si representações femininas brasileiras em papéis considerados avançados e modernos, os quais servem de referência para a emancipação feminina para a sociedade portuguesa, considerada ainda conservadora. (Cunha, 2005). E há programas portugueses como o *Sai de Baixo* (em versão lusitana do programa brasileiro da *Rede Globo*) e *Café Central*, o primeiro um programa de comédia brasileiro feito por atores portugueses e o segundo uma animação gráfica, em que ambos traziam em sua composição personagens que representavam papéis de empregadas doméstica, de nacionalidade brasileira, que eram sexualizadas, exotizadas, percebidas a partir de um olhar classista e inferiorizante.

Ademais, no período da ditadura militar brasileira, na década de 1970 até a década de 1990, a antiga *Embratur*, divulgou campanhas de marketing turístico no exterior para promover o turismo no Brasil contribuíram para essa teia discursiva. (Pontes, 2004). Nelas exibia-se mulheres brasileiras seminuas associadas às praias e ao carnaval brasileiro, tais imagens construíram a ideia de um “país sensual”. Diante dessa constatação, na década de 1990, a *Embratur* verificou que essas campanhas estavam prejudicando a imagem do Brasil no exterior e que estimulou, de certa forma, o turismo sexual entre os estrangeiros com crianças e adolescentes no país. Desse modo, mudou seu foco de abordagem no marketing turístico, mas algumas agências de turismo ainda veiculam campanhas de incentivo ao turismo no Brasil com mulheres sensuais e exóticas no exterior. (Pontes, 2004).

Também, um episódio em que as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal foram bastante destacadas foi durante o movimento *Mães de Bragança*. Trata-se de um acontecimento encabeçado por mães e esposas portuguesas que acusaram mulheres brasileiras em Portugal que se prostituíam de “destruírem seus lares” na cidade de Bragança em 2003. O grupo acusador ficou sabendo que seus maridos frequentavam casas/bares ligados à prostituição, nos quais disseram que as mulheres brasileiras seriam a maioria das prostitutas. (Cunha, 2005). Devido a isso, as mulheres portuguesas exigiram a expulsão das “prostitutas brasileiras” de Portugal, pois elas estariam “desmoralizando” a cidade de Bragança. A situação foi muito repercutida em alguns veículos da mídia portuguesa e na mídia internacional, ao ser publicada uma reportagem na capa da revista *Time Europe*, ainda em 2003, levando à internacionalização do fenômeno. A publicação destacou “[...] a atuação das redes de tráfico e exploração de mulheres, sobretudo brasileiras, naquela região de Portugal (Cunha, 2004, p.548).

Kemala Kempadoo (2005) mostra como as noções de tráfico sexual estão historicamente associadas às perspectivas burguesas e imperialistas empenhadas em cruzadas morais contra a prostituição do que, de fato, em medidas protecionistas capazes de assegurar que mulheres não sejam exploradas sexualmente.

Neste sentido, a autora caribenha critica algumas vertentes feministas que, em dias correntes, adotam posturas salvacionistas em relação às mulheres “do terceiro mundo”, como se estas fossem desprovidas de consciência crítica sobre suas escolhas relativas à forma de lidar com o corpo e com o sexo.

Kempadoo se afina com a vertente do feminismo transnacional e toma

[...] o tráfico como discurso e como prática que emergem das interseções de relações de poder estatais, capitalistas, patriarcais e racializadas com a operação da atuação e desejos das mulheres de darem forma à próprias vidas e estratégias de sobrevivência e vida. O patriarcado é visto como uma das relações de dominação que condicionam as vidas das mulheres, e não a única, nem necessariamente a principal. Considera-se que racismo, imperialismo e desigualdades internacionais também configuram as vidas das mulheres. Além disso, enquanto o patriarcado significa a degradação de feminilidades em todo o globo onde o trabalho e a vida das mulheres são, de diversas maneiras, concebidas nos discursos hegemônicos como menos valiosos que os dos homens e a serviço dos interesses sexuais masculinos, e onde as mulheres são muitas vezes definidas e tratadas pelo estado como cidadãos de segunda classe ou como propriedades dos homens, as mulheres não são simplesmente definidas como vítimas do poder masculino terrível e paralisante ou como grupo homogêneo. Nesta perspectiva, ao contrário, elas são concebidas como sujeitos atuantes, auto-determinados e posicionados de maneira diferente, capazes não só de negociar e concordar, mas também de conscientemente opor-se e transformar relações de poder, estejam estas enraizadas nas instituições de escravidão, prostituição, casamento, lar ou mercado de trabalho. (Kempadoo, 2005, p. 61-62).

De modo geral, segundo Padilha, Fernandes e Gomes (2010), a cobertura midiática sobre o caso citado antes construiu uma imagem das mulheres brasileiras imigrantes como destruidoras de lares, ou seja, perigosas justamente por serem percebidas como seres desejantes e de sexualidade autônoma.

A construção dessa perspectiva está assentada em diferentes marcadores de diferenciação, que os autores denominam de “dispositivo” e os quais articuladas nos ajudam a entender a experiências das brasileiras imigrantes no país em questão. Nesse sentido, os binarismos que essencializam as mulheres brasileiras e as mulheres portuguesas, entre “evas” e “marias”, conforme algumas reflexões dos *Estudos Pós-Coloniais* criticam, mais do que interseccionar o marcador de raça e gênero/sexualidade, principalmente “raça” na visão dos

autores, influência também na forma como são constituídas as imigrações em Portugal e o lugar que as mulheres brasileiras imigrantes ocupam nesse contexto

Os *Estudos Pós-Coloniais* e a perspectiva feminista vêm desenvolvendo análises relevantes sobre as mulheres em situações específicas e a articulação de marcadores da diferença, como propõe Piscitelli (2002; 2008). No entanto, a introdução das questões de gênero nos *Estudos Pós-Coloniais* não foi automática. Para a Adelman (2009), as questões ligadas às mulheres aparecem, em diversas situações, em segundo plano nos *Estudos Pós-Coloniais*. Contudo, nos últimos tempos, essa situação vem se modificando porque, embora a maioria dos autores dessa linha sejam homens, vem ocorrendo o reconhecimento e a aproximação com os *Estudos Feministas*. Na visão da autora, a pesquisadora mais expressiva dessa aproximação é Gayatri Spivak, a qual “[...] assume claramente uma identidade intelectual feminista, assim como também identifica seu pensamento com a herança marxista e elementos do ‘pós-estruturalismo’ [...]”. (p.184). Ainda de acordo com Adelman, a perspectiva feminista tem contribuído com os *Estudos Pós-Coloniais*, ao tornar a categoria “[...] gênero eixo fundamental da teoria pós-colonial e construir um discurso feminista mais plural e menos eurocêntrico”. (p.184). Entre tal contribuição, um ponto relevante é “[...] a crítica da representação da mulher não ocidental, caracterizada como Outro num sentido triplo: como Mulher, como não Ocidental e, em terceiro lugar, numa posição particular produzida pela junção dos outros dois termos.” (Adelman, 2009, p.184). Trata-se da (des)construção de um discurso hegemônico sobre as mulheres e uma noção binária de “mulher ocidental” versus “mulher do terceiro mundo”, da mesma forma como alguns veículos da mídia portuguesa contrapõe a “mulher portuguesa” e “mulher brasileira”. Esta, assim como qualquer “mulher não ocidental”, é significada por enunciados relacionados à sexualidade livre (objeto do desejo masculino), sem as “amarras civilizatórias” que “educam” a “mulher ocidental”. Sem contar que por essa perspectiva, verifica-se uma opressão ainda maior da “mulher do terceiro mundo”, uma opressão que envolve marcadores de gênero, nacionalidade e raça.

Sobre isso, na visão de Young (2005), ocorre uma dupla opressão sobre “mulher do terceiro mundo”, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Além disso, elas sempre foram significadas pelo olhar masculino, sem que por muito tempo elas tivessem um lugar de fala para significar a si próprias.

[...] “dupla colonização” – isto é, em primeiro lugar na esfera doméstica, o patriarcado dos homens, e em segundo, na esfera pública, o patriarcado do poder colonial. Isto levou a progressivas comparações entre patriarcado e colonialismo. Spivak argumenta que, tomada sempre como objeto de conhecimento pelos governantes coloniais e nativos que são tão masculinos como quaisquer outros, a mulher subalterna [mulher não ocidental] é escrita, discutida, e até se fazem leis para ela, mas não se lhe permite nenhum lugar discursivo no qual possa expressar a si mesma. (Young, 2005, p.199).

Já em outro momento, ainda essa “mulher de terceiro mundo”, é percebida como vítima do “homem não civilizado”, na maneira como este trata aquela. Tais noções das práticas culturais de povos “não ocidentais” mal compreendidas são determinantes para a construção de discursos discriminatórios, como aponto no caso das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Dessa maneira, constrói-se uma cultura exotizada desses países e criam-se rótulos das experiências das mulheres brasileiras imigrantes no contexto lusitano. Elas não estão só “procura de sexo”, como acreditam 70% dos portugueses entrevistados por Marques (2007).

A maioria dos portugueses relaciona crimes ou comportamentos que são moralmente reprováveis com os imigrantes. São 70% os que associam as cidadãs brasileiras à prostituição [...]. Uma percepção que não resulta de uma vivência com estas minorias, mas do que é transmitido pelos media. [...] Todos os intervenientes concordaram que a discriminação é agravada quando se cruzam estigmas impostos pela sociedade se é mulher e negra, imigrante e homossexual, velho e deficiente, por exemplo. (Marques, 2007, p.1) Seção *Sociedade e Vida*, do JN de 10/05/2007.

Por este exemplo, o próprio JN aponta que tais estigmas sobre as mulheres brasileiras são influenciados por marcadores de gênero, raça e nacionalidade afetam as experiências delas no país.

Adelman (2009) considera que os *Estudos Feministas* ocidentais em nações dominantes têm sofrido ao generalizar o entendimento sobre gênero às noções binárias. Segundo Chandra Talpade Mohanty (2000), até os anos 1980 imperava-se a noção de “mulher típica” ocidental como independente, empreendedora e desafiadora dos valores hegemônicos, enquanto a “mulher típica” não ocidental era vista como pobre, reprimida e submissa à hierarquia dominante. Isso mostra a reprodução da visão orientalista, a qual critica os essencialismos ocidentais sobre o Oriente (Said, 1990). Por isso, Adelman (2009) acredita que as reflexões de Mohanty ajudam a *Teoria Feminista* a ter uma postura mais reflexiva em relação a si própria.

Apesar disso, vem crescendo a “[...] a visão feminista multicultural ou *pós-colonial*, na *reconstrução* das interpretações da história”. (ADELMAN, 2009, p.187). Essa perspectiva têm uma noção crítica das relações de gênero em seus contextos locais e globais e das vivências das mulheres em diferentes lugares. Nesse sentido, inclui-se também a imbricação das relações de gênero, raça, classe etc. como também aponta Piscitelli (2002; 2008). Dessa forma, esses estudos contribuem com:

[...] a desestabilização de uma narrativa eurocêntrica e androcêntrica da modernidade [...] mostrando que, algumas vezes, era precisamente no encontro com os colonizadores e a ‘cultura ocidental’ que as mulheres perdiam status e ‘direitos’ [...]. (Adelman, 2009, p.188).

Dessa forma, a contemporaneidade, substitui-se um discurso superficial e linear sobre as mulheres e abre-se a possibilidade de um discurso mais complexo sobre as experiências delas. Dessa forma, “[...] não há uma ‘mulher ocidental’ nem uma ‘mulher do terceiro mundo’, mas realidades muito diversas, com histórias e culturas ‘indígenas’ muito diferentes entre si”. (Adelman, 2009, p.189). Não há uma “mulher brasileira”, mas sim mulheres brasileiras com vivências diversas tanto em Portugal como no Brasil.

Por isso, existem formas de significar as mulheres brasileiras que emigram para a sociedade lusitana. É limitador associá-las a prática desregrada de sexo como faz algumas das mídias portuguesa, por vezes, como ocorreu no caso *Mães de Bragança*. Dessa forma, percebe-se, em certos momentos, que a comunicação social reforça esses discursos que alimentam esses estigmas.

De acordo com Cunha (2005), a imprensa portuguesa tem atuado “[...] na construção do estereótipo da imigrante prostituta, na medida em que divulga muito mais essas notícias do que outras notícias referentes à imigração” (p.115). Esse fenômeno também é verificado por Piscitelli (2008), para qual a maior parte das mulheres brasileiras não estão envolvidas neste setor, mas a importância deste mercado é aumentada pela cobertura midiática ao associar essas mulheres à atuação no mercado do sexo.

Segundo Vitorio (1974), tal abordagem já era registrada pela comunicação social portuguesa no início da década de 1970, quando ela constatou isso em sua pesquisa nos jornais *Diário de Notícias*, *O Século*, *República* e *A Capital*.

Sem aprofundamento e sem interpretações, as notícias sobre o Brasil, em grande parte, aparecem canalizadas para a Comunidade Luso-Brasileira, a utópica Comunidade que, como as vagas, imprecisas e diminutas informações sobre o Brasil, longe andava da realidade brasileira, contribuindo para a imagem, em Portugal, de um Brasil distante, lendário, povoado de muitos lusos, de sambistas, macumbeiros, futebolistas, mulheres bonitas e sobretudo, de “gente que tem

piada”, no sentido português da palavra piada, que para o brasileiro representa o engraçado. (Vitorio, 1974, p.178).

Há muito tempo vem se construindo distorções sobre o Brasil e as/os brasileiras/os que os limitam a estigmas que não traduzem as diferentes formas de ser da/o brasileira/o.

Ademais, Vitorio (2015) aponta a percepção da jornalista portuguesa, Maria João Lopes, em entrevista concedida à autora em sua pesquisa em 2015, sobre a imagem que os portugueses têm das/os brasileiras/os. Ela disse que os portugueses têm muita simpatia pelos as/os brasileiras/os e admiração pela produção cultural do Brasil como a música, a telenovela e a literatura, mas reconhece a existência de estereótipos relacionados as/os brasileiras/os. Para ela, esses estereótipos estariam relacionados às novelas porque “Talvez as atrizes que nos entram pela televisão nos parecem mais sensuais, bonitas e, talvez aos nossos olhos, mais ‘exóticas’ [...]” (Lopes apud Vitorio, 2015, p. 44). Tais generalizações, na visão da jornalista, ganharam força por conta da crise que Portugal enfrentou nas primeiras décadas do século XXI. Em sua visão, a responsabilidade é atribuída a quem não tem por conta do desemprego e da falta de perspectiva de vida e, dessa forma, surgem estereótipos, os quais limitam conhecimento sobre o “Outro”.

3. A relação discursiva sobre a “mulher brasileira” na mídia portuguesa

Para compreender a interdiscursividade nos enunciados dos meios de comunicação portugueses, multiplica-se os discursos a partir dos quais a “mulher brasileira” está associada. Isso é possível porque as narrativas de algumas mídias lusitanas se articulam com outros discursos, mudando de acordo com o contexto e a posição ocupada pelo sujeito. Pela relação discursiva, é possível encontrar os apagamentos e os esquecimentos, assim como as diferenças e contradições que envolvem os discursos sobre a “mulher brasileira”, ou seja, pelo interdiscurso é possível compreender a heterogeneidade que a envolve. (Fischer, 2001).

Sobre o discurso midiático, Fischer (2001) diz que é a tipologia discursiva em que mais a heterogeneidade discursiva está presente.

[...] a mídia [...] é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade –, também se impõe com criadora de um discurso próprio. Porém pode-se dizer que, nela, talvez mais do que em outros campos, a marca da heterogeneidade, além de ser bem acentuada, é quase definidora da formação discursiva em que se insere. Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação. (Fischer, 2001, p. 212).

É notório que o discurso midiático exerce influência significativa sobre os outros enunciados como o de senso comum, por exemplo. Ele não se fundamenta apenas em uma área do saber, mas em diversas. “As vozes que falam na mídia fazem eco a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade”. (Gregolin, 2007, p.22). No caso dos jornais analisados, é possível que esses ecos também contribuam para fixar uma certa imagem da “mulher brasileira” nos termos das dicotomias já discutida, reforçando, ainda que não intencionalmente a percepção de “Evas”, “mulheres do terceiro mundo”.

Discursos que remetem à disponibilidade sexual de mulheres das colônias, é dizer, mulheres não-brancas, vêm sendo construídos de longa data, desde os séculos XVI, pelo relato de viajantes, os quais narravam as mulheres da elite por meio do corpo e da falta de pudor delas, o que para os viajantes era considerado como selvagem. (Gonçalves, 2005). Há também a Carta de Pero Vaz de Caminha, o qual associa a “[...] a ideia de paraíso natural e selvagem, ligada a descrição do corpo feminino das narrativas do Brasil. (Padilla; Fernandes; Gomes, 2010, p. 116).

As narrativas coloniais sobre gênero são retomadas no século XIX para formatar a identidade nacional brasileira, associada à raça. Além disso, a literatura desempenhou um papel fundamental nesse processo, como a obra *Iracema*, de José de Alencar, publicada em 1865, em que “[...] a nação brasileira é forjada através do nascimento do primeiro brasileiro fruto da sensualidade da mulher indígena que seduz o português colonizador”. (Padilla; Fernandes; Gomes, 2010, p. 116). A seleção da tese das raças formadoras em um concurso para descrever a história brasileira pelo *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1840, alimenta o debate sobre as implicações positivas ou negativas da mestiçagem para o futuro do país.

Ademais, a publicação do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933, buscou-se uma interpretação positiva da mestiçagem, quando o autor supõe que as relações históricas do Brasil e da colonização lusitana seriam “harmonicamente mestiça”. (Padilla; Fernandes; Gomes, 2010, p. 116). Essa interpretação gerou uma repercussão negativa e críticas em alguns segmentos sociais que tinham ou têm consciência das desigualdades raciais existentes no território brasileiro.

Essa tese gerou, de imediato, críticas na imprensa negra brasileira e, posteriormente, críticas sociológicas e de movimentos sociais, que destacam a existência de desigualdades sociais a partir desse mito luso-tropical. A construção freyriana consiste em uma releitura do casal miscigenador como formador da

nação brasileira, passa da mulher indígena para a mulher negra ou mulata com símbolo da miscigenação racial e sexual. (Padilla; Fernandes; Gomes, 2010, p. 116).

A ideia do Brasil como um país mestiço se tornou tão intensa que essa noção confere à nação brasileira um lugar intermediário entre os imigrantes em Portugal. Ou seja, “[...] a natureza sensual e exótica da mulher brasileira ‘associada aos corpos morenos’ se justapõe à ‘marca Brasil’ dentro e fora do país”. (Beleli, 2012, p.76).

Tais enunciados estão relacionados também às trocas sexuais produzidas no contexto colonial entre Portugal e Brasil ao longo do tempo. Mais do que trocas econômicas, o colonialismo produziu também intensas trocas sexuais entre colonizador e colonizado. Trata-se de discursos que estão há séculos no imaginário português e são retomados de diferentes maneiras para dar sentido ao desejo colonial mantido até a contemporaneidade pelos portugueses em relação à “mulher brasileira”.

A classificação racial significa também uma comparação “[...] cultural, bem como política, científica e social. As imbricações entre estas levaram-nas a tornarem se interdependentes e inseparáveis”. (Young, 2005, p.113). É por isso que entre as diferenciações raciais está ainda ligada à “[...] sexualidade e o desejo”. Como também afirma Cunha abaixo:

[...] o contato, e as relações coloniais, forjaram em Portugal um imaginário sobre o Outro, homem, mulher ou comunidades. Este imaginário, alimentado durante séculos, compreende imagens-síntese, muito próximas de estereótipos que se encontram inculcadas, em diferentes níveis nos cidadãos das ex-metrópoles coloniais. Garantindo a coesão identitária estas imagens-síntese assumem, no mais das vezes, a forma de preconceitos identificáveis não só nos comportamentos como nas representações do Outro. A estas imagens não foge a mulher brasileira entendida como arquétipo de sensualidade, disponibilidade sexual e transitoriedade afetiva (Young, 2005, p.537).

Além disso, os enunciados relacionados ao carnaval brasileiro como um dos elementos da identidade nacional brasileira reforçam as narrativas sobre a noção de “mulher brasileira”. Segundo Pontes (2004), a cultura do carnaval brasileiro, remete ao culto do corpo, à sexualidade, à raça, à pobreza e à nacionalidade representada pela mulher mestiça, ou seja, a mulata. Esses elementos significam o país como uma cultura permissiva e promíscua, em que o sexo e a nudez são elementos comuns. E, de alguma forma, são (re)criados pelo discurso midiático português por meio de novelas, campanhas publicitárias, materiais de jornais etc.

As narrativas construídas em torno das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal estimulam sua associação com identidades caracterizadas como “nacionais”. Parecem delimitar o lugar dessas mulheres na sociedade portuguesa, ao impor a distância entre “nós” (portugueses) e o “Outro” (mulheres brasileiras imigrantes. Na geografia ocidental, o Brasil ocupa um lugar subalterno nas “relações transnacionais” e influencia a vivências das brasileiras em Portugal, pois é uma “tradução cultural” das “articulações entre diferenciações” (Piscitelli, 2008, p.269) que envolvem noções como o gênero, a nacionalidade, a sexualidade, a raça e a classe. A construção da ideia da “mulher brasileira” em território português é feita a partir desses enunciados, os quais são generalizados e servem para significar a experiência coletiva das mulheres brasileiras em Portugal.

Considerações finais

É preciso desessencializar os discursos que associam as brasileiras, assim como as mulheres latino-americanas às “[...] mulheres exóticas, pronta para praticar sexo, selvagens sexualmente, e ao mesmo tempo, servis, carinhosas e amorosas. Em uma palavra, são mulheres para consumo”. (Barrero, 2005, p.4 – tradução nossa). Um consumo associado ao desejo lusitano pelas mulheres nativas que é alimentado há muito tempo por tais discursos. Esse desejo está intimamente associado a racialização da “mulher brasileira”, a disposição para o sexo é um elemento classificatório da diferença racial, uma vez que os povos mestiços e negros são associados ao intenso grau de fertilidade e o sexo, diferentemente dos povos ocidentais e brancos, associados a muita civilização. (Young, 2005). Por isso, o colonialismo tem íntima relação com a “máquina do desejo” que é sustentado até a atualidade por meio do interesse de homens portugueses por mulheres brasileiras. “O colonialismo [...] [esteve sempre] fechado na máquina do desejo: a máquina permanece desejo, um investimento do desejo cuja história expande” (Young, 2005, p.220).

Tendo em vista tais enunciados, a comunicação social lusitana parece não ter preocupação em avançar para além das narrativas clássicas sobre as brasileiras. Assim, as recriam, mantendo a matriz de sentido que Vitorio (2015) já identificava em suas pesquisas sobre a imprensa portuguesa nos anos 1970, e a essencialização que alguns/mas pensadores/ras dos *Estudos Pós-coloniais* e *Estudos Feministas* criticam, ou seja, enxergar a “mulher não ocidental” de modo generalizante.

A relação interdiscursiva desses enunciados encontra nas mídias analisadas sua atualização, reproduzindo-se, ainda que de forma não intencional, as antigas escalas hierárquicas colonial lusitana sobre as brasileiras. Assim, sustenta-se os argumentos sobre as experiências das migrantes no país.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. São Paulo: Blucher Acadêmico. 2009.

AGUSTÍN, Laura Maria. **Sex, Gender and Migration: Facing up the Ambiguous Realities**. Soundings. 2003. n.23.

BARRERO, Gloria Patricia Diaz. Strippers, bailarinas exóticas, eróticas: identidade e inmigración em la construcción del Estado canadiense. Cadernos Pagu. Campinas. Jul.-dez. 2005. n.25. p.1-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000200006>. Acesso em: 11 dez. 2023.

BELELI, Iara. Imagens de brasileiros/os no atravessar das fronteiras: (des)organizando imaginários. **1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa**. Lisboa. 2010. p.121-128.

_____. Brasileiros/as no atravessar das fronteiras. In: MISKOLCI, Richard; PELUCIO, Larissa (Orgs.). **Discursos fora da ordem**. São Paulo: Annablume. Fapesp. 2012. p.73-96.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CUNHA, Isabel Ferin. A mulher brasileira na televisão portuguesa. Actas III. Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação. **BOCC**. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**. Nov. 2011. n.114. p.197-223.

FRANÇA, Thais. Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios», *e-cadernos CES* [Online], 18 | 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1527>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GOMES, Mariana Selister. O Imaginário Social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e os modos de subjetivação. **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro. 2013. v.56. n.4.

p.867-900. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/dados/a/KfQJH99yZRFvXYxGw569vtp/> . Acesso em: 10 dez. 2023.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. 2007. v. 4. n. 11. p.11-25.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais – transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.80, março 2008, p.115-147. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 10 dez. 2023.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Moradias usadas para prostituição. Seção Polícia e Tribunais, do **Jornal de Notícias**. Porto. 23 mar.2007. Disponível em: http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=695388. Acesso em: 05 abr. 2016.

KEMPADOO, Kamala. O debate Mudando Sobre o tráfico de Mulheres. Campinas: **Cadernos Pagu**. Campinas. Dez. 2005. n. 25, p. 55-78.

MALHEIROS, Jorge. Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In: _____ (Org.). Imigração Brasileira em Portugal. **Observatório da Imigração**. Lisboa. 2007a. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/migrare/publ/ImigrBrasileira.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MARQUES, Alexandra. Imigrantes alvo de preconceitos. Seção Sociedade e Vida, do **Jornal de Notícias**. Porto. 10 maio 2007. Disponível em: http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=670576. Acesso em: 11 dez. 2023.

MOHANTY, Chandra Talpade (2000). “Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses”. In BRYDON, Diane. org. Postcolonialism: Critical concepts in literary and cultural studies. Vol. 3, pp. 1183-1209. London/New York: Routledge.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando gênero**. Revista de Estudos Feministas. 2000. n.2. v.8. p.9-43.

PADILLA, Beatriz; FERNANDES, Gleiciani; GOMES, Mariana Selister. Ser brasileira em Portugal: imigração, gênero e colonialidade. **Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa Barcelona**. Barcelona: Universidade de Barcelona. 2010.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**. jul/dez. 2008, v.11, n.2, p.263-274. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em: 10 dez. 2023.

_____. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu**. n 23. Campinas. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000200008&script=sci_arttext . Acesso em: 12 dez. 2023.

PÚBLICO. Asiáticas já chegaram a Portugal. Seção Portugal. Lisboa. 10 out. 2007. Disponível em: <http://www.publico.pt/portugal/jornal/asiaticas-ja-chegaram-a-portugal-233087>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VITORIO, Benalva da Silva. **Imigrantes Brasileiros e a Crise em Portugal**. Santos: Leopoldianum. 2015.

_____. **Imigração Brasileira em Portugal: Identidades e Perspectivas**. Santos: Universitária Leopoldinaum. 2007.

_____. **A imagem do Brasil na imprensa portuguesa: estudo de jornalismo comparado**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. 1974.

BIOGRAFIA DA AUTORA

JESSICA DE CÁSSIA ROSSI

Doutora em Ciências Sociais, Mestre em Comunicação e Graduada em Relações Públicas pela Unesp. Atualmente é docente nos cursos de Comunicação do Centro Universitário do Sagrado Coração em Bauru/SP. Tem experiência na área de Comunicação Midiática, Cultura, Gênero e Migrações.

E-mail de contato: jessicacrossi@yahoo.com.br